



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8876 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

Psicologia e Cinema: práticas para uma formação inventiva

Fernanda Omelczuk Walter - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Psicologia e Cinema:

práticas para uma formação inventiva

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões e análises de práticas inventivas com o cinema realizadas por alunos e alunas do curso de Psicologia da Educação em diferentes licenciaturas. A hipótese é de que os filmes *O Garoto Selvagem* de François Truffaut e *Jonas e o circo sem lona* de Paula Gomes possuem potencialidades pedagógicas e estéticas inventivas para o campo da Psicologia da Educação e formação de professores. Tal proposta se ampara na perspectiva de uma política de cognição inventiva para a formação, em uma psicologia social crítica dos acontecimentos escolares e em uma pedagogia criadora em cinema-educação. A análise inicial dos exercícios de criação realizados a partir dos dois filmes supracitados sugere, dentre outros, abertura de devires na formação de professores, tais como a superação de apropriações pedagogistas do cinema, a legitimidade da imaginação na construção do conhecimento, além de aprendizagens e articulações interdisciplinares.

Palavras- Chave: Psicologia da Educação; Formação de professores; Cinema e educação.

A relação do Cinema com a Psicologia se confunde com a própria história do Cinema se lembrarmos dos estudos acerca da percepção e sensação do movimento realizados pelos psicólogos da *Gestalt*. Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka estavam interessados em compreender quais os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica - quando um estímulo físico é percebido pelo sujeito como uma forma diferente da que ele tem em sua concretude, tal o caso da percepção em movimento dos fotogramas (imóveis) de uma película cinematográfica. De algum modo, ressonâncias dos estudos da psicologia da *Gestalt* sobre percepção, vem sendo ampliados nos últimos anos por Crary (2012) para analisar transformações nos modos de visibilidades e como estas são constituintes de um modo de ver e prestar atenção que engendra uma subjetividade ordenada para perceber coisas diferentes a cada época.

Nesta pesquisa[1] - que conecta uma Iniciação Científica a um projeto de Pós-Doutorado - continuaremos a pensar relações entre Cinema e Psicologia, mas compartilhando perguntas, exercícios de criação e práticas inventivas com os filmes *O garoto Selvagem* (1969) de François Truffaut e *Jonas e o circo sem lona* (2015) de Paula Gomes realizadas junto à disciplina Psicologia da Educação oferecida para diferentes cursos de Licenciatura. Neste contexto, esta pesquisa está situada na interseção de três áreas: Psicologia da Educação,

Formação de Professores e Cinema e educação.

Tomamos os filmes *O Garoto Selvagem* e o documentário *Jonas e o circo sem lona* como hipótese de que possuem potencialidades pedagógicas inventivas para o campo da Psicologia da Educação e formação de professores, especialmente se dialogamos com as mais recentes proposições no campo do Cinema e Educação, que afirmam não apenas a potencialidade pedagógica no conteúdo dos filmes mas especialmente no que nos convidam a reinventar na realidade, por meio do gesto de filmarmos também novas imagens e realizarmos exercícios estéticos. Isso porque o principal sentido de trabalhar com o cinema e a educação é fazer com que ambos sejam reinventados nesse encontro. Se não o que teremos é uma redução do audiovisual a uma concepção linguageira e sua apropriação como mais uma ferramenta a serviço do *modus operandi* pedagógico (BERGALA, 2008; FRESQUET, 2013).

No que tange ao contexto pedagógico, a pesquisa dialoga com as proposições de Kastrup (2005), que identifica a condição predominante na formação de professores como pertencendo a uma política de reconhecimento, onde um conteúdo é apresentado e conferido ao final do curso. A avaliação depende da comprovação de que ele foi adquirido. Poucos elementos novos realmente se “formam” no futuro professor com essas práticas, porque elas se baseiam na estabilidade de um sujeito que conhece e na estabilidade de um mundo a ser conhecido. Nesse caso, a compreensão epistemológica é de que o conhecimento é uma representação do mundo e a aprendizagem gira em torno de conceitos, modelos teóricos e solução de problemas cujas respostas já estão previstas.

Em contraponto, a autora apresenta a alternativa epistemológica de que cognição, objeto e conhecimento emergem no encontro, sendo a subjetividade processo e produto de práticas pedagógicas. Não há de antemão uma estrutura cognitiva estável receptáculo dos conhecimentos. As ações nesse sentido conformam uma política inventiva e não recongnitiva, e para que a realizemos é necessário “conceber práticas [pedagógicas] que viabilizem o desencadeamento de processos de problematização que não se esgotem ao encontrar uma solução” (KASTRUP, 2005, p. 1282).

Assim, o futuro professor se movimenta em *devir-mestre*, com a formação não se restringindo nem se encerrando nas respostas aos problemas colocados. *Devir-mestre* é estar inacabado como professor, propenso a criar e abrir novas perguntas. Aprender sob este ponto de vista é antes de tudo aprender a fazer - inventar - perguntas, o que configura uma aprendizagem e uma formação inventiva, no desenvolvimento de uma postura crítica e desconfiada da realidade (KASTRUP, 2005).

Amparadas nestas reflexões perguntamos: Como criar práticas com o estudo de Psicologia na formação de professores, que não se restrinjam ao acúmulo de informações conceituais recongnitivas? Como viabilizar uma formação crítica em Psicologia (MEIRA, 2012) problematizando concepções conservadoras sobre problemas de aprendizagem e comportamentos, sobre queixa escolar e uma variedade de temas do campo *psi* na educação, provocando impactos desviantes e aberturas de devires nos futuros professores?

A seguir, apresentarei pesquisa e análise de dois exercícios de criação que venho propondo aos alunos e alunas a partir dos filmes *O garoto Selvagem* (1969) de François Truffaut e *Jonas e o circo sem lona* (2015) de Paula Gomes com vistas a uma relação política e criadora com o cinema e uma formação inventiva do futuro professor junto à disciplina de Psicologia da Educação.

O garoto selvagem (1969) de François Truffaut conta a história real de um menino, posteriormente chamado de Victor, encontrado com 11 anos de idade nos bosques do sul da França, no final do século XVIII e a tentativa do Dr. Itard em socializá-lo. Construído a partir

de dois relatórios oficiais elaborados por Jean Pierre Itard, médico pesquisador que acompanhou pessoalmente a educação do menino após sua captura, a obra nos convida a análises interdisciplinares, que atravessam a teoria do bom selvagem, polêmicas acerca da inteligência, a história da infância, a educação como gesto civilizatório, a desnaturalização do fenômeno psicológico, o encontro com a alteridade e o eurocentrismo epistemológico.

Jonas e o circo sem lona (2015) narra o envolvimento de Jonas com o circo, que ele mesmo monta, constrói, ensaia e divulga junto com os amigos no quintal de sua casa no interior da Bahia. Jonas constrói o circo com os ‘restos do mundo adulto’, como diria Benjamin (2002) – pedaços de arquibancada, lonas velhas, o trapézio do circo onde sua família trabalhava quando ele era ainda mais criança. Esse universo, que pode parecer devaneio de fantasia infantil, é concreto e envolvente no filme, que nos mostra a dedicação, a autonomia e a disciplina de Jonas com a rotina dos ensaios, montagem e criação dos espetáculos. A brincadeira é vivida com compromisso e seriedade em contraste com as acusações dos adultos acerca de um Jonas irresponsável e relapso com os estudos e a escola. Seu desejo é ir morar e trabalhar no circo de seu tio, o que é impedido de fazer por sua mãe.

Realizamos durante o curso de Psicologia da Educação, com cada um desses filmes, um exercício de criação cinematográfica que parte de uma hipótese ficcional, fantasiosa. Tal como nos provoca Rancière (2012), apostamos que a realidade, sempre inacabada e fugidia, precisa ser fabulada para ser pensada, analisada e também transformada. E talvez seja isso que os exercícios nos autorizem fazer.

Em *O garoto selvagem* a turma é solicitada a criar um pequeno filme (“refazendo” fragmentos do filme original) a partir de um roteiro imaginado “escrito” por Victor, e não por seu professor, o Dr. Itard, como originalmente aconteceu. Em *Jonas e o circo sem lona* a turma é convidada a imaginar que Jonas foi embora para o circo e que passado um tempo resolve enviar para casa um filme-carta sobre como está sua vida. Neste caso, como se trata de um dispositivo específico de criação, o filme-carta[2], são exibidos antes para a turma algumas referências fílmicas de exemplos que podem servir como disparadores para suas produções.

Em ambos exercícios a tarefa é feita em grupos e os estudantes costumam ter 15 dias para a produção das imagens que são posteriormente visualizadas em conjunto na aula. É um momento de expectativa e entusiasmo. Os comentários versam sobre a liberdade de fazer algo inusitado em uma graduação. Falam da leveza e do prazer que sentem com o exercício em meio a outras cobranças e textos densos. Frequentemente se surpreendem com seus próprios resultados e destacam os ganhos colaterais que tiveram na aprendizagem do audiovisual. Sem dúvida que esses comentários são importantes, mas do ponto de vista da formação gostaria de destacar outras hipóteses e apostas de aprendizagens.

Em primeiro lugar, ao convocar a imaginação em uma atividade avaliativa, a proposta legítima essa função como constituinte do humano para a construção do conhecimento e da realidade, como já afirmara Vigotski (2012) no campo da psicologia. E como defende Rancière (2009) ao refletir sobre a arte e a política. Além disso, como o exercício permite que se convoquem outros atores a participar (é comum que os alunos integrem em suas filmagens os amigos, vizinhos ou familiares) e utilizem variados instrumentos e fontes de pesquisa (imagens prontas da internet, tutoriais sobre vídeos etc.), ele subverte o *modus operandi* do fazer pedagógico racional, individual e mnemônico.

Em seguida, penso que as propostas expressam outras possibilidades de relação pedagógica e estética em cinema, educação e formação de professores, pois não se limitam a debates sobre o conteúdo do filme em si. As perguntas apontam para a possibilidade de outros filmes serem feitos a partir do que foi visto. São perguntas que tomam o filme e seu

diretor como uma relação atravessada por escolhas, pontos de vista e afetos, sem neutralidade. Trata-se, portanto, de uma abordagem que nos permite perfurar o cinema “transparente”, aquele que diz retratar a realidade tal como ela é, na construção de uma aprendizagem e exercícios que nos auxiliem a compreender que as imagens constroem o real (XAVIER, 2012).

Pensar como Victor ou Jonas contariam a história (ou parte dela) impele o estudante ao exercício da alteridade, intensificada pela radicalidade do olhar de uma criança. E mais do que isso, em um caso uma criança que não fala e em outro uma criança que é constantemente desautorizada a falar.

Os exercícios, portanto, são uma oportunidade de tentar narrar o mundo sem a captura da linguagem, ou pelo emprego de uma linguagem que o mundo constantemente não escuta. Como filmar sentimentos, sensações e emoções pré-simbolizados? Como usar a “linguagem” do cinema para expressar uma “mente” sem linguagem? Não há respostas prontas à proposta dos exercícios que causam inicialmente um estranhamento nas alunas (Como assim? Como vamos fazer? - perguntam), gerando o que Kastrup (2005, p. 1276) chama de *breakdowns*, uma perturbação no momento da invenção de problemas, “que é uma rachadura, um abalo, uma bifurcação no fluxo cognitivo habitual”.

Um exercício de fabulação, de coletividade, de alteridade, de infância (se comunicar sem falar, se expressar sem a língua), de suspensão da reconhecimento. Vislumbro que essas sejam algumas primeiras hipóteses inventivas, pedagógicas e estéticas, que as realizações dos filmes-práticas proporcionam à formação dos professores.

Os exercícios aqui compartilhados vem sendo feitos cheios de dúvidas, incertezas e riscos. Não são um método nem receita, mas uma tentativa de criar oportunidades para uma experiência estética em que o próprio docente propositor precisa estar aberto a novas relações com o conhecimento, com o cinema, com a criação, com a aprendizagem. Assim, legitimamos que os alunos possam ensaiar suas próprias docências num exercício de experimentação e formação pedagógica e estética incompleta, sempre a se inventar.

Referências

- BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- BERGALA, A. *A Hipótese-Cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- CRARY, J. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- FRESQUET, A. *Cinema e Educação: Reflexões e experiências com estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola* (1a ed.). Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2013.
- JONAS e o circo sem lona. Direção Paula Gomes. Salvador, Plano3filmes, 2015. 1 DVD (82 minutos).
- KASTRUP, V. Políticas Cognitivas na formação do professor e o problema do devir mestre. *Revista Educação e Sociedade*, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.
- MEIRA, M. E. *Para uma crítica da medicalização na Educação*. Revista Semestral da

Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 135-142.

RANCIÈRE, J. *A partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

O GAROTO Selvagem. Direção: François Truffaut. França.

VIGOTSKI, L. *Imaginación y creación en la edad infantil*. Lanús Oeste: Nuestra América, 2012.

XAVIER, I. *O Discurso cinematográfico: entre a opacidade e a transparência*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

[1] Neste texto reunimos resultados de pesquisas realizadas desde 2016, além de uma pesquisa de Iniciação Científica em curso e proposições de um projeto de pós-doutorado. Todas se inserem no tema de investigação das práticas pedagógicas inventivas com os filmes *O Garoto selvagem* (1969) de François Truffaut e *Jonas e o circo sem lona* (2015) de Paula Gomes.

[2] Trata-se de um dispositivo de criação cinematográfica em que o filme tem previamente um destinatário e uma narrativa oral em formato de carta que vai para este destinatário. Mais informações sobre o filme-carta podem ser encontradas em: <http://www.inventarcomadiferenca.com.br/referencia/o-ensino-de-cinema-e-a-experiencia-do-filme-carta/>. Na ocasião do exercício foram exibidos os seguintes filmes e/ou fragmentos para a turma *Pra Chica* (2013) de Juliana Shimada; *Di-Glauber* (1977) de Glauber Rocha; *As praias de Agnès Varda* (2011) de Agnès Varda.